

O ESPAÇO PÚBLICO! IMAGEM QUE ENCANTA!

LÚGIA VALADARES DE ALMEIDA

Doutora e mestre em Psicologia Social/UERJ. Bolsista CAPES/COFECUB, Brasil/França, DOUTORADO SDW 2014-2015 UERJ/UNIVERSITÉ CHARLES-DE-GAULLE/LILLE.
almeidalugia@hotmail.com

RESUMO

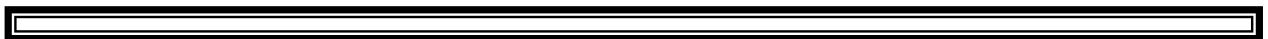
Pretende-se, nesse artigo, mapear aspectos teóricos do imaginário, que nortearam a pesquisa para a tese de doutorado *Dinâmicas Imaginárias: multifunções socioculturais dos Espaços Públicos*. Programa de Pós-graduação da Psicologia Social – UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O projeto dessa pesquisa está vinculado ao projeto maior, fomentado pela FAPERJ (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro). *O Grupo de Pesquisa em Territórios Sociais* registrado pela Profa Dra Regina Gloria Nunes Andrade – Cientista do Nosso Estado. A partir da pesquisa de campo executada em Espaços Públicos, constatou-se que algumas das principais funções encontradas nos Espaços Públicos da contemporaneidade – às vezes, com predomínio de uma em especial; outras, com a junção de várias delas, numa composição – fazem com que esses espaços se distingam uns dos outros, mas não impedem aquilo que possuem em comum: a capacidade de comportarem as mais diversas dinâmicas em suas dimensões físico-urbano, política, simbólica, agregadoras, sobretudo, da cultura e dos intercâmbios dos indivíduos. Nesse sentido, é possível pensar na pluralidade de papéis que desempenham esses espaços, cujos objetos estão sempre em processos de ressignificação, imprimindo subjetividade singular em seu interior. Independente do lugar onde se situam e do tamanho que abrangem, os Espaços Públicos portam multifunções, concretizadas por meio de diversas linguagens (verbal, musical, gráfica, plástica, corporal). Foi impossível não recorrer também a Gaston Bachelard e a Gilbert Durand, na sustentação teórica, uma vez que o imaginário é o cimento que faz a liga desse intercâmbio multidisciplinar; de forma paralela, houve o trabalho de campo, fundamentado nas visitas *in loco* nos seguintes Espaços Públicos: Recyclart Art Center (Bruxelas), Foyer (Bruxelas), Biblioteca Pública Louise Michell (Paris), Centre Cívic Dessange (Barcelona), Espaço Público Juan Andrés Benítez (localizado na esquina da Carrer Aurora com Carrer Riereta) e Fundação Marimbeta (Itabuna-Bahia).

Palavras-chave: Espaço Público. Multifunção. Ação política. Imaginário.

ABSTRACT

This article intends to map theoretical aspects of the imaginary, which guided the research for Doctoral Thesis "Imaginary Dynamics: socio-cultural multifunctions of Public Spaces". Post-Graduation Program in Social Psychology - UERJ - Rio de Janeiro State University. From the field research performed in Public Space, it was found that some of the main functions found in contemporary public spaces - sometimes with a predominance of one in particular; others, with the combination of several of them, in a composition - make these spaces distinguish each other, but do not prevent what they have in common: the capacity to carry the most diverse dynamics in their physical-urban, political, symbolic dimensions, aggregating, above all, the culture and the exchanges of individuals. In this sense, it is possible to think of the plurality of roles that these spaces play, whose objects are always in processes of re-signification, imparting singular subjectivity within them. Regardless of where they are located and the size they cover, public spaces carry multifunctionals, materialized through various languages (verbal, musical, graphic, plastic, body). It was impossible not to turn to Gaston Bachelard and Gilbert Durand for theoretical support, since the imaginary is the cement that binds this multidisciplinary exchange; In parallel, there was field work, based on on-site visits in the following public spaces: Recyclart Art Center (Brussels), Foyer (Brussels), Louise Michell Public Library (Paris), Cívic Dessange Center (Barcelona), Esquina da Carrer Aurora with Carrer Riereta and Fundação Marimbeta (Itabuna-Bahia).

Keywords: Public space. Multifunction. Political action. Imaginary.



O mito de Sísifo

O espírito projeta no concreto sua tragédia espiritual. E só pode fazê-lo por meio de um paradoxo perpétuo que dá às cores o poder de expressar o vazio e aos gestos cotidianos a força de traduzir as ambições eternas. [...].

Um símbolo, de fato, supõe dois planos, dois mundos de ideias e de sensações, e um dicionário de correspondência entre um e outro. Este léxico é o mais difícil de estabelecer. Mas tomar consciência dos dois mundos presentes significa enveredar pelo caminho de suas relações secretas. Em Kafka esses dois mundos são o da vida cotidiana, por um lado, e a inquietude sobrenatural, por outro lado. Parece que assistimos aqui a uma interminável exploração da frase de Nietzsche: ‘Os grandes problemas estão na rua’. Na condição humana, e isto é o lugar comum de todas as literaturas, há uma absurdidade fundamental ao mesmo tempo que há uma implacável grandeza.

(Albert Camus, 2010, p. 129)

O termo “imaginário” demanda uma reflexão que não pertence à dimensão do palpável, do concreto e do quantificável; ao contrário, remete a uma força que não se aplica à determinada entidade ou categoria, mas que, em sua etéreo-dinâmica, transcende a qualquer experiência, como força social que pode ser percebida na ordem do espiritual. Um alento, uma brisa, que envolve o espírito, iluminando-o e, sobretudo, contagiando-o. A esta força, o filósofo alemão, Walter Benjamin (1994), deu o nome de “aura”.

Interessante observar que, se as culturas primitivas explicam o enigma da existência humana e da criação do Universo a partir de vivências míticas, com o passar do tempo os indivíduos ocidentais começaram a negar a compreensão do mundo por meio de imagens e símbolos. De outro lado, as civilizações não ocidentais jamais estabeleceram qualquer separação entre as informações (que consideravam verdadeiras), transmitidas pela imagem, e as do sistema de escrita. Sob outro prisma, determinados povos da África, pré-colombianos, e muitas tribos isoladas do Brasil, sem contato com a civilização, como, por exemplo, os Awá, dão pistas de outras formas de comunicação.

Dentre outros teóricos, filósofos e antropólogos, destaca-se o filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962), que se dedicou, em grande parte, ao estudo da dinâmica do imaginário, associando a palavra “poética” a alguns espaços privados (casa, gaveta, ninho, sótão). Suas reflexões no livro *A poética do espaço* (1978) são dotadas de uma generalidade tal que é possível transpô-las para os domínios do Espaço Público – no caso, considerado não na sua concretude arquitetônica, mas na proposta de um espaço imaginado, aquele que tem sua poética na experiência fenomenológica, própria do viver imaginativo, constituinte da subjetividade.

A imagem poética deixa visível a força da criatividade do ser falante, pela qual se desnuda a “consciência imaginante” (BACHELARD, 1978, p. 188). O filósofo persiste em avaliar a casa como espaço de proteção, mostrando que, nela, fundem-se lembrança, realidade e devaneio; enfatiza que o fenômeno das imagens poéticas se dá quando a imagem emerge na consciência como um produto direto da alma, do coração do ser humano, tomado em sua atualidade (1978, cap. 2, p. 1).

A partir de sua avaliação, é factível que os Espaços Públicos agrupem imagens múltiplas, perpassadas pelas dinâmicas culturais e imaginárias oriundas da sua história, das histórias do entorno do bairro e da cidade onde se localiza. Histórias que podem ser somadas a

um conceito libertário (não reproduzidor) de formação de ideias que se conjugam em torno de uma funcionalidade com forte carga simbólica. Possibilitando, assim, aos frequentadores, a emergência.

Os filósofos e a ciência, que tanto resistiram ao mundo da imagem, finalmente recorreram a ela, junto com a emergência do metafísico e do poético, reconhecendo que a razão, sem esses componentes, seria incapaz de dar conta da ciência e da realidade. Nos Espaços Públicos supracitados, durante todo o trabalho da pesquisa de campo, observou-se o encaixe do fundamento teórico. Os indivíduos frequentadores destes espaços mantinham com estes uma relação muitas vezes contraditória, alternada com um sentimento de estranheza e de pertença.

Uma questão de grande interesse foi observar, mais atentamente, como o Recyclart-Bruxellas, e o Espaço Público Juan Andrés Benítez (localizado na esquina da Carrer Aurora com Carrer Riereta), em Barcelona, foram transformados pelas práticas estéticas encarnadas nas mais diversas manifestações artísticas (apresentações de música, de dança, de teatro, de culinária, grafites, jograis e leitura de poemas). No Recyclart, pelo fato de acolher migrantes de países árabes e africanos, com os quais a comunicação é mais difícil, a interatividade fluía pelo viés do som da música, da dança, da comida, da apresentação de mímica, etc.

Assim, as expressões manifestadas pelos participantes mostravam-se como reminiscências das imagens miméticas de suas origens de ambiência com características alentadoras. Constituindo-se, desta forma, em um espaço de acolhimento dos afetos primordiais, os quais, forçosamente, foram deixados para trás.

Não seria arriscado afirmar que o vínculo estabelecido entre os indivíduos se desenvolve e se inscreve a partir de elementos sutis, característicos das dinâmicas imaginárias desses lugares. Algo fluido, que necessariamente não depende apenas da objetividade, do conhecimento *a priori*, mas de algo referente a uma universalidade absurdamente indizível. A isso foi denominado “aura”. É dela que se extrai o comum e o universal entre os homens, o imaginário que atrai uns aos outros e resulta em modos de comunicabilidade e de sociabilidade. Todos são revestidos do que compõe essa “aura”.

Gilbert Durand (1921-2012), professor dedicado às áreas de sociologia, antropologia e filosofia, em sua trajetória teórica, estabelece que o imaginário é o conjunto relacional de imagens que dá significado a tudo o que existe. De acordo com o autor, a imagem é a matéria de todo o processo de simbolização, fundamento da consciência na percepção do mundo.

Imaginário é a capacidade individual e coletiva de dar sentido ao mundo; uma resposta à angústia existencial frente à experiência “negativa” da passagem do tempo. Imaginário como “o conjunto das relações de imagens que constituem o capital pensado do *homo sapiens*” (DURAND, 2002, p. 14).

Atualmente, Michel Maffesoli (2001), sociólogo francês, recuperou a tradição de seus colegas Gaston Bachelard (1978) e Gilbert Durand (2002) no que diz respeito à importância do imaginário na construção da realidade. “O imaginário é uma realidade” – afirma Maffesoli (2001, p. 74), explicando, mais adiante, sobre a relação imagem-imaginário:

Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado. [...]. O imaginário de Paris faz Paris ser o que é. Isso é uma construção histórica, mas também o resultado de uma atmosfera e, por isso mesmo, uma aura que continua a produzir novas imagens (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Os dois pensadores supracitados, junto com Bachelard (1978), dão consistência a este estudo diante da compreensão das possíveis ações próprias dos Espaços Públicos. A Antropologia e outras ciências cercaram-se da curiosidade de saber como funciona o entrelaçamento no qual as ideias se organizam logicamente solidárias, levando-se em consideração as relações com os objetos. Existe apenas o “imaginário vivido em comum”, em meio a histórias e narrativas humanas, testemunhando a confluência dele com a cognição. Esta afirmação tem sua consistência, quando observamos o desapontamento dos indivíduos frente a uma cultura totalmente estranha à sua de origem.

Em nossa pesquisa, na Biblioteca Louise Michell, percebia-se que as crianças e seus pais, ou parentes próximos, que não sabiam francês, se isolavam daqueles que já dominavam a língua. O trabalho dos dirigentes era usar métodos participativos, como jogos, brincadeiras em grupo, através dos quais eram introduzidas figuras, ou outras representações da sua cultura, construindo-se, então, a ambientação sincrética de uma cultura acolhedora.

O que chamou atenção, no trabalho de campo, foi o fato de que, por se tratar de indivíduos imigrantes e refugiados, havia uma grande preocupação por parte das instituições públicas, centros de acolhimento, grupos itinerantes de apoio, em relação aos objetivos pedagógicos, no sentido de estimular as práticas criadas com o objetivo de ultrapassar as barreiras linguísticas. Essas dinâmicas funcionavam como fiandeiras na tessitura do acervo de imagens e suas percepções sobre o sentido dado aos novos objetos. Tecendo, desse modo, a

rede simbólica, resultando, assim, na hibridização imagética e estética, como queiramos denominá-la.

Durand (2002, p. 231) explica que “o imaginário não é uma ‘disciplina’, mas um tecido conjuntivo ‘entre’ disciplinas [...] que acrescenta ao banal significantes e significados, o apelo do sentido” – o imaginário diz respeito ao conhecimento como um todo, isto é, às diversas disciplinas, e não somente a uma, *per si*.

Com isso, há uma grande dificuldade em elucidarem-se as dinâmicas imaginárias sem pensar nas abordagens desenvolvidas no campo das mais diversas ciências ou áreas de conhecimento. “Bachelard parece dominar melhor o problema, ao aperceber-se imediatamente de que a assimilação subjetiva desempenha um papel importante no encadeamento dos símbolos e suas motivações” – observa Durand (2002, p. 34).

Tanto no Foyer do Mollenbeck-Bruxellas, como na Biblioteca Louise Michell, nos arredores de Paris, observou-se que os frequentadores tinham o “apelo ao sentido”, sobre o qual Durand (2002) se refere. Tanto entre crianças, jovens e adultos migrantes, como nos demais frequentadores, deslocados de sua cultura de origem, observava-se, peremptoriamente, a necessidade de se buscar, em seu acervo simbólico, as representações possíveis para a criação e construção de novas histórias. Como filósofos na Floresta Negra... Que se lançam na busca de explicações dos fatos não objetivados.

A imagem primordial deve incontestavelmente estar em relação com certos processos perceptíveis da natureza que se reproduzem sem cessar e são sempre ativos, mas, por outro lado, é igualmente indubitável que ela diz respeito também a certas condições interiores da vida do espírito e da vida em geral (DURAND, 2002, p. 60).

É interessante lembrar que o homem, em seu estado mais primitivo, nada mais fazia do que criar condições que proporcionassem seu sustento físico e, de certa forma, o espiritual, na tentativa de dar significado ao seu mundo. Em toda e qualquer circunstância, lançando mão de objetos instrumentais e da natureza (incluindo seus fenômenos), esse homem buscava uma organização para repousar sobre estes um sentido, um significado para as possíveis representações sincréticas.

Para Durand (2002, p. 14), o ser humano é dotado de grande capacidade de formar símbolos no contexto sociocultural, numa rede de relações, o que faz com que “o imaginário, longe de ser a epifenomenal ‘louca da casa’ a que a psicologia clássica o reduz, é, pelo contrário, a norma fundamental, a justiça suprema”.

Com isso, pode-se dizer que, para o antropólogo, o imaginário, longe de ser “a louca da casa”, é onde se desenvolvem temas, a partir dos quais, convergem, essencialmente, as imagens, e, ali mesmo, se dá a organização. Nesse sentido, os Espaços Públicos que se afiguram na pós-modernidade constituem e agregam novas experiências, voltadas ao desenvolvimento da subjetividade. E isso se dá exatamente através das relações grupais ali vividas, por meio de práticas socioeducativas e culturais.

Lacan explica que a subjetividade não provém da relação sujeito-objeto, mas é marcada pelas relações sujeito-grupos, sustentando o imaginário. Ou seja, o sentido só se completa – e manifesta no coletivo – pela intersubjetividade.

Bachelard (2008) considera a importância do pensamento abstrato (fantasias, devaneios, conduta contemplativa própria das construções do espírito) como o componente mental capaz de contribuir com o mundo racional e concreto. Durand (2011, p. 50), seu discípulo, tomou a literatura romântica, a antropologia e o pensamento de Jung para afirmar que “o real é acionado pela eficácia do imaginário, das construções do espírito”.

Segue-se que a constituição do imaginário, por um lado, é forjada pelos historiadores encarregados de registrarem os acontecimentos gerais, do indivíduo e do social, com base em fatos comprovados; e, de outro, pelos escritores, que fazem a literatura ficcional e usam a imaginação para traçarem histórias. Para esses dois tipos de historiadores, as narrativas, históricas ou ficcionais, têm sempre “o homem como ator”.

Se a simbolização é o correspondente às representações do mundo interno, por meio do que é oferecido pela cultura – construção interna e externa do que está disponibilizado a todos –, é na sublimação que reside, para Freud (1976, [1908]), a “capacidade plástica da pulsão”. Ou seja, a função simbólica manifesta-se em movimento direcionado à atividade criativa, transformando as pulsões destrutivas em capacidade plástica.

Desse modo, o imaginário social fornece o sistema de orientações expressivas e efetivas, onde incidem os afetos, melhor dito, as manifestações do espírito sobre o indivíduo. A reprodução da qual fala Freud (1976a, [1914]) é a da memória como lembrança e esquecimento, que se produz e perpetua para toda – e qualquer – história.

Por outro lado, Bachelard (1978, p. 187) invoca a mesma ideia de forma diferente, ao dizer que “é preciso associar sistematicamente o ato da consciência criadora ao produto mais fugaz da consciência: a imagem poética. Ao nível da imagem poética, a dualidade do sujeito e do objeto é matizada, iluminada, incessantemente ativa em suas inversões”.

O trabalho com o migrante não é diferente daquele desenvolvido com os que vivem em situação de alto risco psíquico por vários motivos provenientes da exclusão política, econômica-social e cultural. Certamente, para Freud (1976, [1908]), tem-se a “sublimação como capacidade plástica da pulsão”. Como ele mesmo conclui. E este é o único caminho a ser percorrido porque está disponível ao humano. (Quero dizer, aqui, que a sublimação é sentida nas inumeráveis manifestações dos indivíduos e grupos desses espaços pesquisados). A “capacidade plástica da Pulsão” é a expressão da “aura”, o transbordar das imagens representadas com toda carga pulsional e afetiva das lembranças que voltam enfeitadas com seus adereços, como forma de sobreviver à trágica morte.

Os Espaços Públicos como o Recyclart-Bruxellas e o Foyer no Mollembek-Bruxellas são os exemplos vivos e dinâmicos de resistência à morte e de um imaginário que não para de produzir imagens que, simbolicamente, contam histórias de resgate.

Diante de tantas realidades e de uma nova "aura estética", é possível perceber que o individualismo não reina absoluto como epicentro social no mundo pós-moderno. Muito embora haja, segundo o teórico, uma preocupação de muitos "sobre o fim dos grandes ideais coletivos" ou, compreendido no seu sentido mais amplo, sobre o fim do Espaço Público. Maffesoli (idem) vê nisso uma crença ingênua a ser superada, como todo momento histórico.

A política cultural não poderia afirmar-se sem o desenvolvimento do traçado urbanístico, que remodelou geografias e reservou lugares ao bem-estar de seus habitantes. As migrações do campo ou do interior para as cidades causaram expansão desordenada, e a população carente foi "empurrada para a periferia", sem acesso às políticas públicas culturais.

Por outro lado, o vazio da existência nas cidades grandes, onde o indivíduo é apenas uma ferramenta na produção do capital econômico, fez com que elas ganhassem espaços direcionados às práticas criativas; são novas concepções de espaços públicos, resultantes de novas dinâmicas imaginárias e do espaço social como espaço de fluxos.

Para Maffesoli (2014, p. 105), a vida cotidiana na pós-modernidade não seria outra coisa senão "o substrato, o solo sobre o qual cresce essa maneira de estar junto que é a sociedade". Essa vida a que ele se refere está ligada, de modo visceral, ao Espaço Público como lugar onde o imaginário "poderia ser esse céu de ideias que, de uma forma um pouco misteriosa, garante a coesão do conjunto social".

Numa sociedade de massa, em que cada vez mais as cidades transformam sua geografia urbana, diante da premência das demandas econômicas e sociais, Maffesoli (2014) vai buscar os diversos matizes que podem assumir a atmosfera que emana de determinados lugares.

Na verdade, trata-se de um Espaço Público que conjuga uma certa funcionalidade com uma inegável carga simbólica. Inscrevendo-se profundamente no imaginário coletivo, ele é, entretanto, constituído pelo entrecruzamento de situações de momentos, de espaços e de gente comum; e, por outro lado, na maior parte das vezes, ele é falado por meio dos estereótipos mais banais. O *square*, a rua, a tabacaria da esquina, o jornaleiro etc. Aí estão, conforme os centros de interesse ou de necessidade, outras tantas pontuações triviais da socialidade (MAFESSOLI, 2014, p. 42).

De fato, no percurso vivido do tempo, o homem não faz outra coisa a não ser construir-se por meio do sentido que dá àquilo que foi elaborado simbolicamente.

Em *Os escritos técnicos de Freud*, cap. XIX – A função criativa da palavra, Lacan afirma que:

O simbólico cria a 'realidade', a realidade entendida como aquilo que é nomeado pela linguagem e pode, portanto, ser pensado e falado. A 'construção social da realidade' implica um mundo que pode ser designado, falado com as palavras fornecidas pela linguagem de um grupo social (LACAN, 1953-1954, p. 273).

Partindo dessa afirmação, a fiandeira do homem repousa no imaginário. É de lá que procede a produção dos fios tecidos pela memória afetiva, figurativa, fios de símbolos, fios ancorados ou à deriva nos sentidos auditivo, visual, tátil, olfativo e do paladar. Sendo assim, a ordem proveniente dessa consistência para o falante é "tecer" as impressões existenciais. O imaginário que não tece é pobre, débil e alienado. Espera-se, portanto, que sua tessitura tenha efeito de sentido, o qual é concebido, por Lacan (1953-1954), como a junção do Simbólico e do Imaginário.

Um pouco num caminho inverso ao das aranhas: o homem não tece para caçar e prender objetos e animais, mas para prender os significantes que deverão ser representados na ordem do simbólico. Trabalhando, dinamicamente, na produção de sentido. Partindo do pressuposto de que os Espaços Públicos intermediam a cultura em sua cartografia espacial, há uma "aura" responsável pelos elementos sutis, que pairam sobre eles, conduzindo a experiências subjetivas, motivo pelo qual consagra-os como lugares da experiência no coletivo.

O espaço torna-se o fornecedor, por excelência, do tema dos fenômenos socioculturais, visto que transforma as poderosas dinâmicas imaginárias no processo das representações simbólicas e no uso do aparato sensorial – aqui interpretado como um momento epifânico – quando as coisas mais simples arrebatam os indivíduos, fazendo-os pensar, questionar e reinventar.

Esse instante fenomênico é o próprio corpo das dinâmicas imaginárias tecendo a sua rede (imaginária). Merece, aqui, esclarecer, que o poder revelador do (fazer) criativo se constitui um dos símbolos supradeterminados pelo meio geográfico-social e pelo momento cultural.

De fato, essas ocorrências etéreo-dinâmicas do imaginário não são alocadas em nenhum lugar específico da vida cotidiana; elas ocorrem em toda a espacialidade. Contudo, é possível dizer que os Espaços Públicos, na sua dimensão física, propiciam tal liberdade que conduz o sujeito à revelação de si mesmo e do outro. Um espelho que reflete a própria imagem no outro e a do outro em si. O espaço, qualquer que seja a sua localização, por mais longínquo que esteja do lugar de origem do sujeito, será “decorado” com os traços simbólicos que acompanharão esse sujeito.

Salvo nos livros escolares, nada é unidimensional no seio da vida social. Ela é, por numerosos aspectos, monstruosa, explosiva, e acontece, sempre, em outro lugar, diferente daquele em que acreditamos tê-la fixado. É o pluralismo que a move profundamente. E esse estado de coisas convém apreendê-lo. Eis o que a sociologia da vida cotidiana pretende fazer (MAFFESOLI, 2014, p. 290).

Bachelard (1978) considera que o espaço dá sentido à existência humana. A casa, em sua teoria, representa qualquer espaço capaz de acolher e de abrigar. Levanta, com isso, uma questão:

A casa nos fornecerá, simultaneamente, imagens dispersas e um corpo de imagens. [...] Uma espécie de atração concentra as imagens em torno da casa. Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas em que já desejamos morar, podemos isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificativa para o valor singular que atribuímos a todas as nossas imagens de intimidade protegida? (BACHELARD, 1978, p. 199).

Para respondê-la, ele chama atenção para o fato de que é preciso abstrair-se das descrições da casa, em suas características pitorescas, seja essa descrição objetiva ou subjetiva, referente a fatos ou impressões. O que está em jogo é o ser abrigado que constrói "paredes com sombras impalpáveis, reconforta-se com ilusões de proteção ou, inversamente,

treme atrás de um grande muro, duvida das mais sólidas muralhas”. E, mais adiante, completa: “Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos!” (BACHELARD, 1978, p. 200).

Nesse sentido, os indivíduos que circulam em certos Espaços Públicos podem vivê-lo como se fosse a sua casa; é uma espécie de vivência virtual, construída pelo imaginário, da “aura” que permanece do bem-estar que reporta a um tempo passado. Interessante observar o quanto o Recyclart e o Espaço Público Juan Andrés Benítez (localizado na esquina da Carrer Aurora com Carrer Riereta), no bairro El Raval, em Barcelona, evoca a “poética do espaço” de que fala Bachelard (1978).

O mundo sensível do indivíduo deve compor esse espaço intersubjetivamente, no campo do discurso que provém da comunicabilidade, representada nas suas mais diversas formas e manifestações artísticas, políticas, religiosas e da etnicidade. E o uso comunicativo, que problematiza o mundo em função da necessidade de se reconhecerem as situações em sua objetividade, em vista do entendimento entre sujeitos capazes de linguagem e de ação, pode ser explicado também por Maffesoli:

Ver na forma o ‘laço de reciprocidade’ que se tece entre os indivíduos. Trata-se, de algum modo, de um laço em que o entrecruzamento das ações, das situações e dos afetos formam um todo. Daí a metáfora: dinâmica da tecelagem, e estática do tecido societal. Assim, tal como a forma artística se cria a partir da multiplicidade dos fenômenos reais ou fantásticos, também a forma societal poderia ser uma criação específica, partindo dos minúsculos fatos que são os fatos da vida quotidiana (MAFFESOLI, 2014, p. 147).

Os Espaços Públicos estão munidos de aparatos, em especial quanto à rede simbólica, tal como estruturas de sustentação horizontais no social. Na Europa, hoje, há um grande esforço por parte das instituições de acolhimento aos imigrantes para encontrarem um meio de promoverem a integração deles àquela nova realidade.

Sem desvalorização da cultura de origem (já deslocada), por meio de metodologias específicas, elas buscam uma pedagogia de reconhecimento dos objetos e dos símbolos na nova cultura, usando especificamente os sentidos para trabalhar a função simbólica. Espaços como o Recyclart, por exemplo, investem num trabalho de reconhecimento dessa ordem, assim como o Centre Cívic Raval e o Drassanes.

O cuidado diz respeito ao que Bourdieu e Passeron (1982) chamaram de “ação educativa de violência simbólica”, na medida em que trata de querer universalizar, em mundo indefinido de possibilidades culturais, uma forma particular de pensar, de fazer e de atuar.

A fermentação social e cultural dos grandes centros urbanos mostra que a ideia da proliferação de espaços locais tem um poder regulador, pelo fato de eles agregarem comunidades que, provavelmente, ficariam dispersas, embora tenham aspectos em comum.

Em geral, encontram-se, nos Espaços Públicos, grupos que tenham saído da extrema miséria cultural, social e psíquica – como os imigrantes oriundos dos países que vivem permanentemente em guerras dentro do seu próprio território – e que transformam aquele lugar em palco para a sua sobrevivência social e cultural. Melhor dito, há a possibilidade de reproduzirem-se laços sociais e de resgatarem-se traços de seu acervo simbólico.

Os recursos da cultura utilizados para a promoção da autonomia e da liberdade – mesmo se estão diante de um indivíduo na condição híbrida e fragmentada – funcionam como propulsores para captar o “sensível”, na atmosfera áurica, como artífices que sabem como transformar o potencial subjetivo que virá, num futuro, determinar a qualidade das manifestações estéticas que serão introduzidas nos espaços.

O imaginário não se sustenta quando reduzido ao individual, como instância etéreo-dinâmica, perde sua força de perpetuação. O contágio dessa “aura” coletiva tem poder de atrair os determinantes estéticos da cultura, em sua pluralidade, mesmo que permaneçam em posições diferentes ou se misturem a elementos de outra cultura.

O traço de autonomia que o imaginário porta é o que possibilita a preservação da cultura de determinada sociedade no modo da vida cotidiana, na preparação dos alimentos, na organização do grupo social, na expressão artística – oral ou escrita –, na música, nos rituais religiosos, etc. A apreensão imaginária de um modo de vida de um grupo só pode ser por ele mesmo vivida e percebida; por outro lado, tudo o que for inserido de outra cultura é sincrético, demanda tempo para ser incorporado e, a partir daí, para produzir novos imaginários.

Finalmente, quando Maffesoli (2001, p. 76) chama atenção para a atmosfera que dá a Paris a qualidade de ser Paris, produzindo novas imagens, ele faz uma representação para tantos outros espaços que possuem, igualmente, a força dessa “aura”, como é o caso do Recyclart – lugar onde a ação do imaginário espraia-se pelos ambientes que, mesmo em espaço aberto, acabam por ser “contaminados” pela atmosfera que o constitui.

Simbolizar é fertilizar o pensamento para uma linguagem felizmente habitada. A linguagem narrativa é aquela que está fora do presente, relatando acontecimentos que não se

referem à vivência consciente do cotidiano, mas remetem a outro tempo, no qual não seria possível ser apreendido, a não ser pela representação.

Porque as crianças, desde cedo, acessam a representação e a simbolização por meio do ambiente familiar e de tudo que as cercam, é possível "construir narrativas verbais sobre suas próprias vidas, relatar suas experiências, apoiando-se em histórias que ouviram, trechos de canções, livros que folhearam e, às vezes, filmes" (PETIT, 2009, p. 122). Recorrerão à própria herança cultural, que passa a fazer parte delas mesmas.

Enfim, o que se pode esperar, hoje, das ciências sociais e humanas, em especial? O imaginário social se sustenta na sua originalidade, em conformidade com a sua condição matricial, como centro dos acontecimentos que se impõem ao indivíduo e ao coletivo, a fim de que, na sua insurgência, produza significados na experiência das práticas cotidianas que, interiorizadas, estabeleçam sentido ao coletivo e ao individual. Imaginar é criar o mundo, o universo, e isso pode se dar por meio das artes, das ciências ou, sobretudo, por pequenos atos, profundamente significativos, vivenciados no cotidiano.

Bachelard (1978) compreende que o sentido do verbo “habitar” transcende o de “morar”; é a partir desse “habitar” que se condensa a “aura” própria do acolhimento presente nos Espaços Públicos – uma redução das imagens nostálgicas da casa da infância, que vem atualizada em “estado de proteção”, tal como um refúgio, traduzido em “reduto compensatório”.

A choupana se transformou num castelo forte da coragem para o solitário que deve aprender aí a vencer o medo. Tal morada é educadora. Leem-se as páginas de Bosco como um acúmulo das reservas de força nos castelos interiores da coragem. Na casa transformada pela imaginação no centro de um ciclone, é preciso ultrapassar as simples impressões de conforto que se sente em qualquer abrigo (BACHELARD, 1978, p. 227).

Espaços Públicos como o Recyclart Art Centre se apropriam de elementos simbólicos para transformar suas metodologias de um modo que venham atrair o interesse dos seus frequentadores, usando a mais universal das linguagens: a do acolhimento.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 2011.

_____.; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema educativo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREUD, Sigmund. **Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna** (1908). Edição Standard Brasileira das obras completas, v. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. IX.

_____. **Recordar, repetir e elaborar**. (1914). In: Edição Standard Brasileira das obras completas, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. XII.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. (1953-1954). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979.

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, 2001.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.